

ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES SUBSTITUTIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

FUNCTIONAL ANALYSIS OF SUBSTITUTION CONSTRUCTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Daniele Cristina Campos (CEDERJ/UFF)

Resumo: O objetivo inicial desta pesquisa é examinar a relação sintático-semântica das construções substitutivas no português brasileiro (PB) instanciadas pelos seguintes padrões sintáticos: não –x, mas sim –y; não –x, e sim –y; não –x, mas –y; nunca –x, mas sim –y; jamais –x, mas sim –y. Desse modo, consideramos que o presente trabalho representa uma importante contribuição à descrição do PB, na medida em que analisa construções ainda não abordadas na literatura vigente. Vale ressaltar que, além de apresentarem elevada frequência de uso, as construções substitutivas têm sua convencionalidade atestada pelo amplo emprego em textos de modalidade escrita na variedade padrão do idioma. Ao analisar e descrever tais estruturas oracionais, identificamos que elas não se encaixam nas categorias de coordenação e subordinação, dois únicos processos de integração de orações descritos na teoria da gramática padrão, como podemos atestar em Bechara (2009), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2011). Sendo assim, partimos para a teoria da correlação de Oiticica (1945;1952) e de trabalhos em abordagem funcionalista que tratam da correlação – como Castilho (2014), Duarte (2013), Rosário (2012) e Rodrigues (2013), uma vez que as construções substitutivas não se caracterizam apenas pela presença de um único conector como elo entre duas orações, mas, principalmente, de um par correlativo que pode ser dividido em prótase (elemento negativo) e apódose (conector de valor adversativo, seguido ou não de partícula de reforço). Para a realização da análise das estruturas oracionais, objetos de investigação deste trabalho, tomamos como *corpus* 100 dados coletados do sítio *Folha de São Paulo*, do gênero notícia jornalística, na modalidade escrita padrão em norma culta do português brasileiro.

Palavras-chave: construções substitutivas, articulação de orações, correlação.

Abstract: The initial goal of this research is to examine the syntactic-semantic relationship of the substitutive constructions in Brazilian Portuguese (PB) instantiated by the following syntactic patterns: não –x, mas sim –y; não –x, e sim –y; não –x, mas –y; nunca –x, mas sim –y; jamais –x, mas sim –y. Thus, we consider that the present paper is an important contribution to the description of Brazilian Portuguese, as long as it analyses constructions which have not yet been approached in the current literature. It is worth noting that beyond the high frequency of use, the substitutive constructions have their conventionality attested by the ample use in written formal texts in the standard language variety. It is important to point that these sentence structures do not fit into the categories of coordination and subordination, the two clause integration processes described in our standard grammar, as we can see in Bechara (2009), Cunha e Cintra (1985) and Rocha Lima (2011). Thus, we worked with the theory of correlation from Oiticica (1945;1952) and with some other researches in the functionalist approach that deal with correlation processes – as Castilho (2014), Duarte (2013), Rosário (2012) and Rodrigues (2013). As we know, substitute constructions are not characterized only by the presence of a single connector as a link between two sentences, but, mainly of a correlative pair that can be divided in prosthesis (negative element) and apodosis (adversative connector, sometimes followed by a reinforcing particle). In order to collect data for our analysis, we made use of 100 texts collected from the site *Folha de São Paulo*, a Brazilian newspaper.

Keywords: Substitution constructions; Articulation of clauses; Correlation.

Introdução

Este trabalho busca examinar e descrever a relação sintático-semântica das construções substitutivas¹ no PB, por ora, ainda não examinada por estudiosos da língua portuguesa. Após a quantificação dos dados, devido ao alto grau de frequência de uso encontrado em textos jornalísticos escritos em norma culta, depreendemos estar diante de um fenômeno de estratégia argumentativa já consagrada, disponível ao falante, no português brasileiro.

A tradição gramatical, ao analisar e descrever a estrutura do período composto, há anos, trabalha com a ideia bipartida (coordenação e subordinação) de estruturação de períodos, seguindo estritamente as recomendações da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que se fixaram como normas para muitos professores e gramáticos. No entanto, apenas a coordenação e a subordinação não dão conta de explicitar toda complexidade das estruturas oracionais presente na língua portuguesa - como se fossem estruturas estanques altamente inteligíveis. Por haver, na língua, estruturas que se relacionam de forma independente, não podemos afirmar que toda forma de análise sintática das estruturas oracionais cabe em coordenação ou subordinação. É o caso, por exemplo, das estruturas correlativas, trazidas à análise pelo professor Oiticica (1945), na obra *Manual de Análise (Léxica e Semântica)*, ampliada posteriormente e transformada em *Teoria da Correlação* (1952).

Ao analisarmos e descrevermos os padrões sintáticos, trazidos à análise neste trabalho, verificamos que não se enquadravam nos padrões de estruturação do período composto normatizados pela tradição gramatical. Sendo assim, entendemos estar diante de um fenômeno ainda não descrito por estudiosos da língua, uma vez que as construções substitutivas não se caracterizam apenas pela presença de um único conector como elo entre duas orações, mas, principalmente, de um par correlativo que pode ser dividido em prótase (elemento negativo) e apódose (conector de valor adversativo, seguido ou não de partícula de reforço).

Pressupostos teórico-metodológicos

Em um primeiro momento, o presente trabalho resume-se a um levantamento bibliográfico acerca dos dois únicos processos de integração de orações – coordenação e subordinação – descritos pela tradição gramatical, como podemos atestar em Bechara

¹ Construções substitutivas instanciadas pelos seguintes padrões sintáticos: não –x, mas sim –y; não –x, e sim –y; não –x, mas –y; nunca –x, mas sim –y; jamais –x, mas sim –y.

(2009), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2011). O objetivo desse levantamento foi verificar se os padrões sintáticos, objeto de investigação deste trabalho, enquadravam-se nos critérios sintáticos descritos pelos autores citados acima. Ao analisarmos e descrevermos os padrões sintáticos dessas estruturas oracionais, identificamos que elas não se encaixavam nas categorias de coordenação e subordinação. Observamos que os padrões sintáticos das estruturas oracionais investigadas neste trabalho encaixam-se na estrutura das construções correlativas, pois o elo entre uma oração e outra não se estabelece pela presença de um único conector de valor adversativo, mas, principalmente, por um par correlativo que pode ser dividido em prótase (elemento negativo) e apódose (conector de valor adversativo, seguido ou não de partícula de reforço). Nesse sentido, propomo-nos, então, a rever a teoria da correlação de Oiticica (1945;1952) e a realizar um segundo levantamento bibliográfico de cunho funcionalista que trate da teoria da correlação, como Castilho (2014), Duarte (2013), Rosário (2012) e Rodrigues (2013).

Quanto ao tratamento do *corpus*, esta pesquisa propõe uma abordagem qualitativa e quantitativa, cujo objetivo é identificar os padrões sintáticos encontrados a partir das estruturas oracionais aqui descritas. Para isso, tomamos como *corpus* 100 dados coletados do sítio *Folha de São Paulo*, do gênero notícia jornalística, na modalidade escrita em norma culta do português brasileiro.

A estruturação do período composto à luz da tradição gramatical

Conforme se verifica nas gramáticas tradicionais - em Bechara (2009), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2011) -, apenas duas representações de estruturação do período composto são descritas por esses estudiosos da língua: Coordenação e Subordinação, como podemos atestar no quadro resumitivo abaixo.

	Coordenação	Subordinação
Bechara (2009, p. 462 - 476)	Composto por uma ou mais combinações de orações sintaticamente independentes de mesma camada gramatical, resultando na formação de grupos oracionais de enunciados.	Composto por unidades sintáticas que deixaram de compor uma estrutura gramatical sintaticamente independente, transpondo-se de uma camada superior a uma camada inferior, formando, assim, um complexo oracional ou orações complexas.

Cunha e Cintra (1985, p. 581 - 583)	Composto por orações sintaticamente independentes, não funcionando como termos de outra oração.	Compostos por orações sem autonomia gramatical, podendo funcionar como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, denominada principal.
Rocha Lima (2011, p. 321 - 323)	Composto por sucessivas orações gramaticalmente independentes.	Processo composto por orações gramaticalmente dependentes.

Tabela 1: Quadro resumitivo das teorias referente à estruturação do período composto.

Assim, por meio do quadro resumitivo, podemos concluir que a tradição gramatical descreve a estruturação do período composto de forma dicotômica: coordenação e subordinação.

Ao analisar as descrições dos autores referentes à estrutura do período composto por coordenação, observa-se que há um consenso entre os autores, pois eles defendem a independência sintática como traço predominante na identificação das orações coordenadas. Os autores descrevem a estrutura da coordenação como se fossem orações combinadas binariamente, uma vez que a coordenação é composta por orações sintaticamente independentes, distribuídas linearmente lado a lado. Para os estudiosos, o fato de orações estarem sintaticamente dispostas uma ao lado da outra não representa nenhum tipo de relação sintática, pois cada oração apresenta seus próprios elementos (sujeito e predicado), recebendo assim a estrutura da coordenação o título de independência sintática. Em outras palavras, a coordenação, vista pela tradição, resume-se a um processo binário, tendo em vista a possibilidade de se combinar orações de mesma camada gramatical ou termos de mesmo nível a fim de se formar um conjunto de enunciados oracionais ou não oracionais. Não havendo, portanto, nenhuma relação sintática entre as orações e os termos combinados binariamente.

No que se refere à subordinação, os autores elegem o traço de dependência gramatical como fator predominante na identificação das orações subordinadas, tratando o fenômeno da subordinação como sendo orações sintaticamente dependentes, isto é, orações que eram independentes, mas que, por meio de um conector, foram transpostas a uma estrutura dependente, passando a funcionar como termo constituinte da oração a que está sintaticamente ligada. Não obstante, Rosário (2012, p. 8) e Duarte (2013, p. 206) nos advertem quanto ao tratamento dado à estruturação do período composto pela tradição gramatical. Segundo os autores, a tradição ainda alimenta a teoria de que há coordenação e subordinação apenas em períodos compostos, levando estudantes e até

mesmo estudiosos da língua a acreditarem que em períodos simples não há possibilidades de ocorrer coordenação e subordinação.

A estruturação do período composto à luz do funcionalismo: em foco a correlação

Oiticica (1952) nos recomenda que, ao classificar um período composto, devemos observar a estrutura e reconhecer os tipos reais deparáveis. Ou seja, é preciso reconhecer que termos ou expressões presentes na estrutura de uma oração que estabelecem uma relação de interdependência com outro termo ou expressões não podem ser simplesmente classificados como uma conjunção subordinativa ou coordenativa. É, para Oiticica, portanto, a correlação um tipo de estrutura distinta da coordenação e da subordinação.

Nas estruturas correlativas, há uma relação de interdependência, em que uma oração não subsiste sem a outra, por estar conectada a termos interligados, formando pares correlativos. Podemos, então, compreender a correlação como “uma construção sintática de duas partes relacionadas entre si, de tal sorte que a enunciação de uma, dita prótase, prepara a enunciação de outra, dita apódose” (CAMARA Jr, 1981, p.87). Seguindo as recomendações de Oiticica, Rodrigues (2013, p. 233) elenca três características importantes que diferem a correlação da coordenação e da subordinação:

1º - a correlação apresenta conjunções que vêm aos pares, cada elemento do par em uma oração;²

2º - no período composto por correlação, as orações não podem ter sua ordem invertida, isto é, não apresentam a mobilidade posicional típica das subordinadas adverbiais;

3º - as correlatas não podem ser consideradas parte constituinte de outra, como ocorre com as substantivas, as adverbiais e as adjetivas.

Em relação à segunda característica, postula-se que, assim como nas orações coordenadas, as correlatas também não apresentam mobilidade de inversão dos termos, sob o risco de serem tomadas agramaticais.

² Mateus *et al.* (2003, p. 563, *apud* ROSÁRIO, 2012, p. 36, grifos do autor) afirmam que “as conjunções podem ocorrer isoladamente, como *e*, *nem*, *ou*, *mas*. Podem, contudo, requerer a presença de um correlato no primeiro membro de coordenação. No primeiro caso as estruturas de coordenação mobilizam uma conjunção simples; no último caso, locuções conjuncionais que assumem a forma de uma expressão descontínua, as chamadas conjunções correlativas. São exemplos de conjunções correlativas expressões coordenativas como: *não só...como*, *não só...mas também*, *tanto...como*, *ou...ou*, *ora...ora*, *nem...nem*, *quer...quer*.”

No que concerne a terceira característica, Rosário (2012, p. 36) aponta que se trata de uma tese que não se sustenta, pois termos seguintes podem funcionar como constituinte da oração anterior, como, por exemplo, em: “[...] a pessoa do exemplo *não* contribuiria por mais 15 anos, *e sim* 17 anos e um mês.” (16/06/1995, grifo nosso). Como podemos perceber, o segundo termo (17 anos e um mês) da correlação é um constituinte que completa a predicação do verbo contribuir em substituição ao termo completivo anterior (15 anos).

Como observamos até aqui, a correlação se constitui basicamente por pares: prótase (elemento de negação seguido de focalização) e apódose (elemento de inclusão ou substituição, seguido ou não de elemento de reforço). São consideradas sintaticamente prototípicas de correlação as estruturas que apresentam estes dois elementos: prótase e apódose.

Oiticica (1952) apresenta em sua obra quatro tipos diferentes de correlação: aditiva, alternativa, consecutiva e comparativa, sendo as duas primeiras comumente tratadas pela tradição como um subtipo da coordenação e as duas últimas como um subtipo da subordinação. Tais classificações de cunho didático sugeridas pela tradição gramatical, por dar tratamento homogêneo a estruturas heterogêneas, causam confusões mentais de análise a alunos e a professores, visto que a correlação trata de um tipo peculiar de estrutura oracional, não contemplada na coordenação e na subordinação, dados os elementos distintos que a compõem.

As orações correlatas introduzidas por Oiticica podem ser encontradas em trabalhos mais modernos como na obra do professor Castilho (2014) e na do professor Rosário (2012), os quais ampliaram o quadro de análise das estruturas correlativas. Não obstante, este trabalho também busca ampliar o quadro das orações correlatas, trazendo à análise estruturas ainda não contempladas pelos compêndios, as quais cunhamos de correlatas substitutivas.

As construções substitutivas no PB

As estruturas correlatas substitutivas, analisadas neste trabalho, assim como as demais estruturas correlatas, apresentam prototipicamente prótase e apódose, sendo a enunciação da primeira oração a introdução de uma expectativa substitutiva. O elemento de negação presente na primeira parte da estrutura oracional, por ser uma negativa, induz uma contraproposta ao argumento negado, interligando-se pela partícula “sim”

que pode estar explícita ou não na estrutura seguinte. Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus*:

Padrões sintáticos em análise:	
não -x, mas sim -y	(1) O que acontece na prática é que um fabricante não pode entregar dois carros, motores ou pneus diferentes a duas equipes. A fábrica <i>não</i> trabalha exclusivamente para uma determinada escuderia, <i>mas sim</i> para seus clientes.
não -x, e sim -y	(2) (...) A Folha há muito tempo <i>não</i> pertence mais a São Paulo, <i>e sim</i> a todo Brasil, graças a sua independência e seu maior patrimônio que são seus recursos humanos.
não -x, mas -y	(3) Ele está há mais de um ano em sua casa de praia na Tunísia, alegando problemas de saúde para não voltar à Itália. " <i>Não</i> é uma corte, <i>mas</i> um grupo armado de tendências políticas e rancor <i>que</i> está fazendo o que foi decidido desde o início", disse Craxi em fax enviado da Tunísia sobre o tribunal que o condenou.
nunca -x, mas sim -y	(4) "Acabo de ler o caderno Brasil 95 que discute as questões relativas à educação e saúde. Somos campeões em analfabetismo funcional, uma vez que o 'ensino básico no Brasil <i>nunca</i> foi prioridade', <i>mas sim</i> instrumento de marginalização, arma eleitoreira e coisas piores, nas palavras lúcidas com que se abre o referido caderno." Geni Rosa Duarte (São Paulo, SP).
jamais -x, mas sim -y	(5) (...) me encaminhava no sentido de mostrar a fundamentação científica da linguagem, certos mistérios da linguagem. <i>Jamais</i> a gramatiquice me atraiu, <i>mas sim</i> a compreensão sociológica, psicológica, tanto estética quanto filosófica da linguagem. E eu conseguia transmitir isso aos alunos.

Tabela 2: Padrões sintáticos prototípicos de orações correlatas substitutivas em análise.

Até o momento, dos 100 dados coletados foram analisados 80 dados. Ao analisarmos tais dados, encontramos 12 ocorrências de estruturas ainda não descritas neste trabalho, instanciadas pelos seguintes padrões sintáticos: nenhum -x, mas sim -y; ninguém -x, e sim -y; nada -x, e sim -y; nenhuma -x, tampouco -y, mas sim -z. Vejamos alguns exemplares encontrados:

- (a) Em **nenhum** momento ele foi cogitado como alternativa ao SUS, **mas sim** como modelo operacional para sua mais perfeita implantação. Com o PAS, a

Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo não se isenta, mas sim se engaja no esforço nacional pelo SUS. (06/04/1995)

(b) (...) **Ninguém** mandou que os agentes circulassem armados de cassetetes e batessem nos internados, e **sim** que, como meio de defesa (própria, de outros funcionários, patrimônio público e de outros adolescentes, agredidos e até mortos por não desejarem participar das rebeliões), utilizassem cassetetes ou outro meio de defesa para fazer cessar a agressão injusta. (07/04/2009)

(c) **Nada** do vermelho de pitangas e sangue na areia de Copacabana, entre cajueiros, e **sim** o engalfinhamento de dois senhores robustos entre os pilotis do MAM. O museu não era ainda o lindo edifício construído pelo Reidy. Vivia por assim dizer entre as pernas do então Ministério da Educação, de Le Corbusier, Niemeyer, Lúcio e outros. (23/12/1995)

(d) Neste documentário, o diretor do filme, sr. Winfried Bonengel em **nenhuma** parte apresenta as arruaças e sangrentas investidas e manifestações neonazistas que foi, e está sendo palco, a Alemanha. **Tampouco** os incêndios criminosos dos asilos de estrangeiros, **mas sim**, como figura principal, um jovem líder neonazista, Ewald Althans. (15/11/1994)

Além dessas estruturas, foram encontradas também estruturas de padrões construcionais “inversas” ao que se constitui objeto de investigação deste trabalho. Vejamos:

(e) O PAS é uma das alternativas, e não a alternativa exclusiva, que a Prefeitura de SP está encontrando para garantir os princípios do SUS de universalidade e integralidade da atenção à saúde (06/04/1995, grifo nosso).

Vale ressaltar que o professor Rosário (2012, p.114), na análise de seu *corpus*, também encontrou esse mesmo tipo de estrutura – cujos padrões considerou “inversas” às chamadas correlatas substitutivas. Vejamos o exemplo apresentado pelo autor:

(f) Para ele ser tratado como cidadão, com direitos e deveres, tem que haver a presença do Estado regulando o mercado, e não o mercado ditando as regras para o Estado (09/09/2009, grifo do autor).

Considerações Finais³

Como esta pesquisa encontra-se em fase inicial, não faremos aqui comentários aos padrões sintáticos encontrados. Cabe-nos, nesta fase, apenas analisar e descrever os padrões sintáticos das estruturas correlatas substitutivas encontradas no *corpus* selecionado. Como podemos ver até aqui, percebemos que estamos diante de um fenômeno ainda não descrito nos compêndios, nem nos tradicionais nem nos mais modernos. Trata-se, portanto, de estruturas ainda não exploradas, o que nos leva a ter cautela na análise e a saber em qual tipo ou subtipo incluí-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, M. E. Coordenação e Subordinação. In: VIEIRA, S. R. et al. (orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 205-223.
- OITICICA, J. *Manual de Análise Léxica e Sintática*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945.
- _____. *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- ROCHA, L. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- RODRIGUES, V. V. (Org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

³ Gostaria de tecer meus agradecimentos ao Prof. Dr. Monclar Lopes Guimarães pelas suas orientações que muito têm me engrandecido. Ao grupo de pesquisa Conectivos e Conexão de Orações cujas discussões tornaram-se peça fundamental para a elaboração deste trabalho, além de contribuírem grandemente para o meu crescimento acadêmico.

_____. Correlação. In: VIEIRA, S. R. et al. (orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 225-235.

ROSÁRIO, I. do. *Construções Correlatas Aditivas em Perspectiva Funcional*. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Letras Estudos de Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.